

A Casa da Boia frente ao processo de desindustrialização em São Paulo

resistência
e permanência



*As instalações das Indústrias
Reunidas Francisco Matarazzo
hoje abrigam um espaço de eventos.
A metrópole impõe novos usos a seu
patrimônio industrial.*

Renata Gerassati
Castro de Almeida
Colaboração:
Diógenes Sousa
Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah

A

Manchester brasileira.

Foi assim que Rudyard Kipling, o primeiro autor de língua inglesa a receber o prêmio Nobel de Literatura, caracterizou São Paulo após sua visita ao Brasil entre março e abril de 1927.

Seus relatos de viagem foram publicados em sete artigos no jornal britânico *Morning Post*, entre 29 de novembro e 20 de dezembro do mesmo ano.

Em seu relato, intitulado *O Deus dos Relâmpagos: como a energia chegou a São Paulo*, que trata sobre o percurso marítimo entre o Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo e as suas primeiras impressões sobre a capital paulista, Kipling destacou como a cidade crescia impulsionada pela tecnologia e como a demanda crescente pela energia simbolizava o papel central da indústria no desenvolvimento da cidade.

Para ele, São Paulo não era apenas uma cidade em expansão, mas um motor que impulsionava o país, assim como as cidades industriais fizeram na Revolução Industrial britânica.

Seu texto nos apresenta uma paisagem marcada pelos inúmeros negócios compactados na região central, pela presença das fábricas, das colônias de imigrantes, dos palacetes da elite, do transporte de mercadorias e pessoas pelas estradas de ferro, além dos subúrbios e passeios públicos. Tudo isso resultado do protagonismo econômico do café.

Kipling ressaltava que, ao cruzar a cidade de carro, era “como se diversas e imensas Madri surgissem no meio do horizonte” e que “todos os luxos de uma viagem moderna” estavam acessíveis aqui. Para ele, não era necessário dizer: São Paulo “é uma metrópole”.



O Recenseamento Geral da República de 1920 mostra São Paulo como o estado com o maior número de indústrias, com 4.415 fábricas, superando em mais de duas vezes o Rio de Janeiro, que possuía 1.995 estabelecimentos.

Embora o capital empregado pelos fluminenses fosse ligeiramente superior (567.874 contos de réis contra 537.817 de São Paulo), o valor da produção paulista (986.110 contos de réis) superava com folga os 850.436 do Rio (p.10).

A presença dos imigrantes na produção industrial foi muito significativa, dos 9.190 estabelecimentos arrolados no censo de 1920, 4.084 pertenciam a estrangeiros. Isso significava que cerca de 45% dos proprietários eram de diversas nacionalidades, com prevalência de italianos, que controlavam mais da metade das indústrias e acumulavam 40% do valor da produção.

No montante de capital empregado, os estrangeiros detinham as maiores cifras, e sua proporção no valor total da produção chegava a 48,5%. (LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S.; SUMMERHILL, William R. A agricultura paulista em 1905. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 44, n.1, p.321).

O deputado eleito pelo Partido Republicano Paulista (PRP), Cardoso de Almeida, na sessão de 20 de outubro de 1906 do Congresso Nacional, frisou ser necessária a organização de “uma exposição de produtos nacionais brasileiros, compreendendo em todas as suas manifestações – a indústria agrícola, a indústria extrativa, a indústria manufatureira e bem assim as belas-artes, letras, educação, higiene e outros frutos de nosso trabalho (...)”.

Resultados Gerais do Inquérito Industrial, Unidades da Federação — 1920

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ESTABELECIMENTOS	OPERÁRIOS	CAPITAL EMPREGADO	VALOR DA PRODUÇÃO
			Contos de réis	
TOTAL	3 258	151 841	665 977	741 536
Alagoas	352	6.939	30.682	40.519
Amazonas	69	636	5.424	5.701
Bahia	491	14.784	48.820	71.922
Ceará	294	4.702	16.714	25.908
Distrito Federal	1.541	56.229	441.669	666.275
Espírito Santo	75	1.005	11.727	22.872
Goiás	16	244	1.399	4.958
Maranhão	89	3.543	16.287	22.884
Mato Grosso	20	280	3.505	6.018
Minas Gerais	1.243	18.522	89.775	172.060
Pará	163	3.033	21.330	36.424
Paraíba	251	3.035	14.136	33.137
Paraná	623	7.293	43.996	102.300
Pernambuco	442	15.761	90.980	136.479
Piauí	55	1.150	6.782	7.956
Rio de Janeiro	454	16.794	126.205	184.161
Rio Grande do Norte	197	2.146	7.126	20.538
Rio Grande do Sul	1.773	24.661	250.689	353.749
Santa Catarina	791	5.297	33.295	60.171
São Paulo	4.415	83.998	537.817	986.110
Sergipe	237	5.386	16.678	28.827
Território do Acre	10	107		197

FONTE — BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral da População, da Agricultura e das Indústrias. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1920. p.10.



Ao demonstrar o desenvolvimento industrial, o deputado paulista acreditava que o poder público perceberia a necessidade de proteção da produção brasileira, face à concorrência estrangeira, possibilitando assim a diminuição das importações, propiciando com que o país deixasse de ocupar a posição de “vergonha e humilhação de importar quase tudo quanto consumimos, como se fossemos o povo mais incapaz e atrasado do globo!”.

Desta forma, Almeida apelava para o espírito de patriotismo de seus “patrícios”, a fim de que todos trabalhassem em função do ideal comum de tornar a pátria independente e soberana economicamente através da indústria (ÓRGÃO NACIONAL DE PROPAGANDA. Álbum de Exposição. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1. 1908. p.24).



A Exposição Nacional do Rio de Janeiro, 1908, reuniu a produção industrial brasileira em pavilhões temáticos. Acima o "Palácio da Indústria" onde Rizkallah Jorge expôs os produtos da Casa da Boia e foi premiado. Ao alto, à direita, reprodução do álbum oficial da exposição, com o desenho do Pavilhão de São Paulo.

Imbuída do desejo de inscrever a cidade de São Paulo como uma partícipe ativa do processo industrial e de sediar um evento vitrine para o que estava sendo desenvolvido nas fábricas paulistas, a municipalidade organizou o Congresso Industrial de 1917, que após a inauguração foi aberto para o público no ainda em construção Palácio das Indústrias.

Entre os expositores figuravam nomes como as Indústrias Reunidas Matarazzo, Falchi, Papini e Comp., Grandes Moinhos Gamba, Fábrica de Biscoitos Duchen, Companhia Antárctica Paulis-

ta, Liceu de Artes e Ofícios, Fábrica de Calçados Clark, Sociedade de Produtos Químicos L. Queiroz, Klabin Irmãos & Cia, e outros estabelecimentos também presentes na Exposição de 1908 (Correio Paulistano, p.4. 30 set. 1917).

Na seção da porta principal do Palácio das Indústrias, dedicada ao maquinismo e serviços de fundição, figurava a "Casa da Boia – Rizkallah Jorge – Grande fábrica de artefactos de metal para encanamentos de água, gás, esgoto, arandelas e lustres para luz elétrica" (Correio Paulistano, 1 de outubro de 1917).



Um aspecto da Exposição Industrial, que acaba de ser inaugurada com grande sucesso nesta capital, por iniciativa do dr. Washington Luis, prefeito municipal.



Casa d.7 Boia — Rizkallah Jorge
 — Grande fabrica de artefactos de metal para encanamentos de agua, gaz, exgottos, arandelas e lustres para luz electrica.
 Alves Harta e Comp. — Fundi-

Em 1917, São Paulo realizou o "Congresso Industrial" no "Palácio das Indústrias" ainda em construção. Rizkallah Jorge e a Casa da Boia novamente estiveram presentes no evento.

A paisagem de bairros como Água Branca, Lapa, Barra Funda, Ipiranga, Brás, Mooca e Bom Retiro, que outrora eram marcadas pela intensa presença de pólos industriais, reflete hoje as transformações econômicas e urbanísticas que acompanharam o processo de desindustrialização de São Paulo. Muitas das antigas fábricas, que um dia simbolizavam o progresso e a pujança econômica da cidade, foram transformadas em depósitos, centros comerciais ou, em alguns casos, abandonadas à ação do tempo.

Um exemplo emblemático é o Cotonifício Rodolfo Crespi, uma das maiores indústrias têxteis da Mooca, inaugurada em 1897, que chegou a abranger 250.000 metros quadrados e fabricou, entre outros itens, os uniformes dos soldados da Revolução Constitucionalista de 1932.

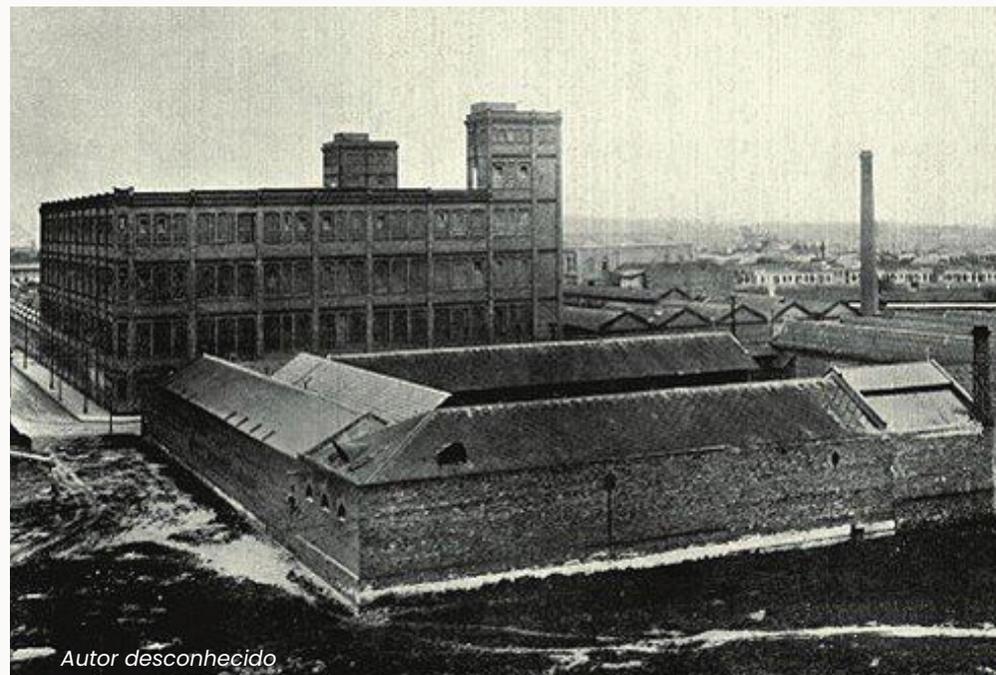
Atualmente, o prédio de quatro andares, com sua arquitetura em estilo inglês que ainda guarda resquícios da grandiosidade do passado, abriga uma unidade do Assaí Atacadista, indicando como as necessidades urbanas modernas redesenharam o uso do espaço.

As instalações da fábrica de calçados Alpargatas inaugurada em 1907, também na Mooca, desde 1998 abrigam a universidade Anhembi Morumbi.

Outro caso é o complexo industrial da Companhia Antarctica Paulista, cujas primeiras edificações datam 1892, e em 2019 foi adquirido pelo grupo Prevent Senior que anunciou o projeto de tornar o espaço em um centro de tratamentos médicos para a terceira idade, projeto que até hoje não saiu do papel.

O espaço não só abrigava a produção de uma das cervejarias mais importantes do Brasil, como também representava um marco arquitetônico da época.

O edifício principal do Cotonifício Crespi, na Mooca, ainda resiste com novos usos, impostos pela mudança do perfil econômico da capital paulista. Os equipamentos industriais deram lugar a uma unidade da rede atacadista de supermercado Assaí.



Autor desconhecido



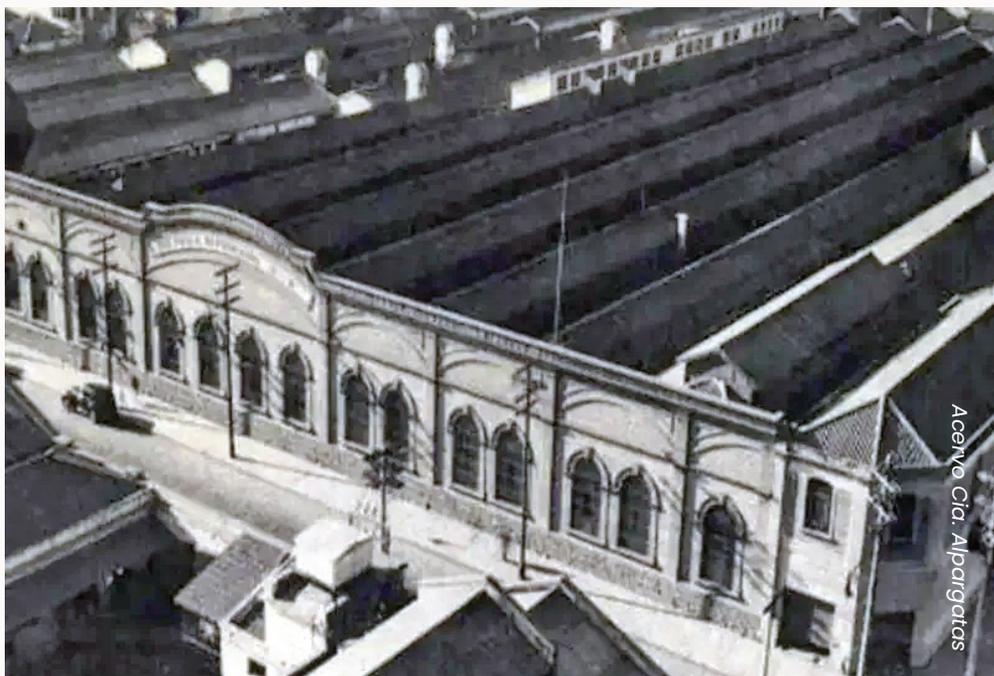
Google Street View / julho 2024

O crescimento da cidade de São Paulo e a mudança de seu perfil econômico impulsionaram novos usos aos equipamentos industriais da região central. O grupo Prevent Senior adquiriu o terreno da Cia Antarctica para ali instalar um gigantesco complexo de medicina.

Abaixo, as instalações da antiga fábrica da Alparagatas (cujo parque fabril foi levado para o Nordeste) hoje são o Campus Mooca da Universidade Anhembi-Morumbi.



Autor desconhecido



Arquivo Cia. Alparagatas



Divulgação Universidade Anhembi-Morumbi

A partir dos anos 1980, a crise econômica e a abertura comercial expuseram fragilidades na estrutura industrial paulista, marcando o início de um declínio que se acentuou nas décadas seguintes.

A redução significativa das tarifas de importação e a remoção de barreiras comerciais expuseram a indústria paulista à concorrência de produtos estrangeiros, frequentemente mais baratos e fabricados em países com custos de produção mais baixos, como China e Índia.

Além disso, a ausência de políticas estruturantes para fortalecer a competitividade da indústria nacional agravou as dificuldades das empresas paulistas, que enfrentaram um ambiente econômico pouco favorável à inovação e à modernização.

O sistema tributário brasileiro, reconhecido como um dos mais complexos e onerosos do mundo, elevou os custos operacionais das indústrias em São Paulo, reduzindo sua competitividade frente a outros estados e países.

A falta de políticas industriais consistentes levou à dependência crescente de importações, mesmo em áreas onde São Paulo já teve forte capacidade produtiva, como os setores eletrônico e de máquinas.

A desindustrialização resultou na queda da participação da indústria no PIB paulista, de 28% na década de 1980 para cerca de 12% em 2020. Setores como o têxtil, automotivo e metalúrgico são emblemáticos desse declínio.

Entre 2000 e 2020, o estado perdeu mais de

500 mil empregos industriais, de acordo com o IBGE. Além disso, cidades como São Bernardo do Campo, outrora grandes polos automotivos, enfrentam o fechamento de fábricas e a substituição da produção industrial por atividades de serviços e comércio.

Esses exemplos não apenas demonstram a reconfiguração funcional desses espaços industriais, mas também ressaltam a perda de identidade e memória que acompanhou a transição econômica da cidade.

Os antigos polos industriais de São Paulo, que durante décadas moldaram a vida econômica, social e cultural de seus bairros, agora convivem com um cenário de usos mistos, ao mesmo tempo em que aguardam um novo uso que valorize seu passado.



André Paixão



Google Street View / abril 2024

Símbolos que se vão. A fábrica da Ford, no bairro do Taboão (em processo de desmontagem, na foto) já não existe mais. Em seu lugar, um imenso terreno sem uso. Acima, à esquerda, parte do terreno das Indústrias Jafet, no Ipiranga, que se transformará, em breve, em um empreendimento imobiliário com condomínio e shopping.

Hoje, poucos símbolos como a Casa da Boia, resistem com as funções e atividades em que foram fundadas nos lembrando desse passado industrial.

Fundada em 1898, em seus primórdios, não apenas mantinha uma fábrica ativa de materiais não ferrosos, como também o “salão de vendas” na entrada de seu sobrado.

A loja permanece ainda no mesmo local, no centro da cidade, testemunhando a transição de São Paulo de um polo industrial vibrante para uma metrópole de serviços e comércio.

Mas nem mesmo a Casa da Boia resistiu sem se adaptar, ou talvez tenha resistido, justamente por se adaptar.

Encerrou a produção de sua fábrica, mas além de manter seu negócio principal desde sua fundação, a venda do cobre, hoje se empenha também na preservação arquitetônica de seu sobrado e na difusão de sua história com atividades culturais, como exposições, palestras, workshops, produção de material cultural como estes editoriais a as visitas guiadas mensais por seu espaço preservado.

Enquanto Kipling celebrava o progresso e a energia que movia São Paulo, a cidade contemporânea luta para preservar a memória dessa época de efervescência industrial, muitas vezes ofuscada pelo avanço imobiliário e pelas novas demandas econômicas, principalmente as do comércio, tecnologia, financeiros e prestação de serviços que caracterizam a São Paulo do século XXI.



De cima para baixo. exposições, apresentações musicais, visitas monitoradas, palestras e atividades culturais, além da atividade principal, a venda de cobre, fazem da Casa da Boia um caso raro de longevidade em uma cidade que passa por inúmeras transformações.



Fotos: Edu Grigaitis/Casa da Boia

Bibliografia

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Estratégias de Desenvolvimento no Brasil: O Impacto da Globalização. Brasília: Ipea, 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral da População, da Agricultura e das Indústrias. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1920.

CANO, Wilson. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. São Paulo: Unesp, 2012.

CNI. Relatórios sobre a competitividade industrial brasileira e regionalização. Brasília: Confederação Nacional da Indústria, 2021. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/cni>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Correio Braziliense. Pesquisa revela maior regionalização da indústria em São Paulo. Brasília: Correio Braziliense, 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FIESP. Relatórios setoriais sobre a indústria paulista. São Paulo: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br>. Acesso em: 21 nov. 2024.

IBGE. Participação da indústria no PIB brasileiro e por estados. Relatórios da Pesquisa Industrial Anual e Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 nov. 2024.

KIPLING, Rudyard. As crônicas do Brasil – Brazilian Sketches. São Paulo: Editora Landmark, 2006.

ÓRGÃO NACIONAL DE PROPAGANDA. Álbum de Exposição. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1. 1908.

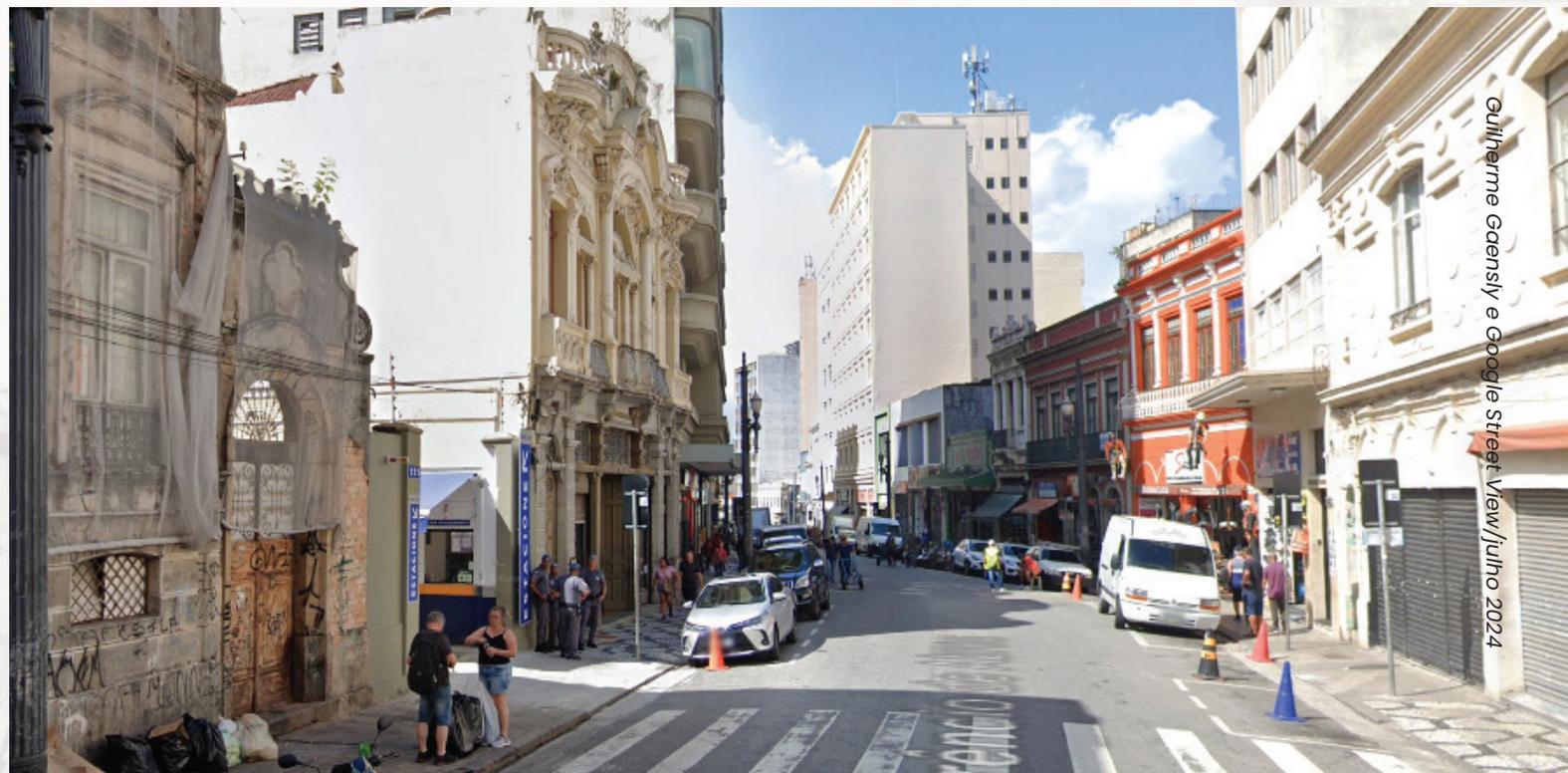
PASTORE, José. Trabalho e Emprego no Brasil: Perspectivas para o Futuro. São Paulo: Saraiva, 2020.



Símbolo de resistência e patrimônio cultural da Cidade de São Paulo. A Casa da Boia em 1914 e em 2024.

CASA DA BOIA
METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
dezembro, 2024*



Guilherme Gaensly e Google Street View/Julho 2024